

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001, 333 p.

O novo livro de Manfredo Araújo de Oliveira, publicado pela Editora Paulinas, em 2001, e intitulado: *Desafios éticos da globalização*, revela, em 333 páginas, a aguda percepção do Prof. Manfredo sobre os problemas sociais que marcam o nosso tempo e mostra o quanto esse grande pensador, atento aos acontecimentos das várias esferas da vida social – economia, política, educação, direito, ciência e tecnologia etc. – é capaz de pensar a diversidade sem perder de vista as perguntas que fundam eticamente a filosofia ocidental: Quem é o homem, qual o sentido da existência, para onde caminha a humanidade, quais referências e critérios devem ser eleitos para se tomar as decisões necessárias de cada dia?

O tema do livro em questão já está presente no próprio título; trata-se de mostrar que o ponto de partida da Ética é a vida mesma, a realidade humana e, em nosso contexto específico, a realidade humana diante dos desafios da globalização. Para abordar a temática, o Prof Manfredo dividiu o texto em três partes: I- Liberdade e Ética; II- Globalização: novo desafio ético da humanidade; III – Ética e a nova problemática do Trabalho, da Educação e da Saúde na sociedade planetária. Ele inicia mostrando que a Ética não diz respeito apenas a alguns, mas sim a todos, na medida em que nossa condição humana nos exige, como tarefa permanente, a tomada de decisões nos mais diversos âmbitos da vida; a própria Ética, nesse sentido, em vez de ser pensada apenas como invenção humana, é definida como condição humana, pois se torna o lugar da viabilização da própria vida, o lugar onde se efetiva a conquista da humanidade por mulheres e homens vivendo em sociedades; numa palavra: a ética é o lugar mesmo da realização da *liberdade*. Portanto, quando o filósofo fala de Ética não a põe em um lugar qualquer, simplesmente ao lado de outros temas da filosofia, mas, sim, em um ponto para onde convergem todos os temas filosóficos. N as palavras do Prof. Manfredo:

“A ética emerge como reflexão crítica destinada a tematizar os critérios que permitam superar o mal e conquistar a humanidade do homem enquanto ser livre. Sendo assim, ela é mediação para a humanização do ser humano, para a efetivação de um mundo humano enquanto mundo que torna a liberdade efetiva. Seu objetivo fundamental é, então, estabelecer os marcos nos quais é possível configurar em um mundo humano, subjetividade e intersubjetividade, enquanto espaço efetivador de liberdade. O que é

buscado, acima de tudo, são critérios que permitem aos seres humanos conduzir suas vidas com a dignidade que os constitui como seres chamados à liberdade.”<sup>1</sup>

No nosso tempo, a palavra *globalização* tornou-se a palavra-chave das Ciências Econômicas e Políticas para se pensar a realidade social; assim, a Ética deve se fazer presente para realizar as mediações necessárias à efetivação da humanidade nesse novo contexto. Ora, confrontar os efeitos da mundialização da Economia, do Direito e da Política com a Ética, levando em conta todas as muitas conseqüências decorrentes desse processo, exige uma análise cuidadosa do que hoje, corriqueiramente, chamamos *globalização*. E o Prof. Manfredo realizou com maestria essa tarefa. Isso quer dizer que nós, leitores, podemos, com este novo livro, compreender melhor o que significa Ética e Globalização e, ainda, por que os processos que instalam a globalização exigem, em contrapartida, uma Ética também global, isto é, uma Ética que possa transpor as fronteiras nacionais, da mesma forma que a globalização transpõe, para ser capaz de dar conta de seus desafios. Convém, no entanto, chamar a atenção para o fato de que o Prof. Manfredo não apenas constata a necessidade de uma Ética mundial, voltada para um mundo globalizado, mas se propõe, como filósofo, legitimá-la e validá-la racionalmente como uma Ética universal. Portanto, ensina-nos o professor que não é por que há desafios globais a serem enfrentados, tais como a miséria mundializada de forma alarmante, a dimensão igualmente mundial dos problemas ecológicos, a violência étnica e religiosa, o esfacelamento da estrutura de trabalho etc., que surge a necessidade de legitimar racionalmente uma Ética global, mas a própria condição humana, que sempre se lança na conquista da liberdade, exige essa legitimação universal da Ética. Portanto, os atuais desafios do mundo globalizado põem em evidência a necessidade de uma ética mundial e de sua validade racional e intersubjetiva. E essa exigência está arraigada na própria condição humana.

Para uma breve apreciação dos desafios enfrentados pelo Prof. Manfredo, em seu novo livro, vale a pena destacar um foco de sua análise que trata da relação entre Economia e Política. Ele mostra que a partir dos anos 30 do século passado e, especialmente, após a II Guerra Mundial, houve um processo de *politização da economia*. Isso significa que passou a existir uma regulação macroeconômica da sociedade por meio de políticas tributárias, monetárias e sociais; nesse sentido, a Política indicava os rumos da vida social, e esse modo de fazer política ficou conhecido no Ocidente como “as democracias de massa dos Estados de bem-estar social”. Porém, a partir dos anos 70, começou a se fazer uma inversão nesse processo, ou seja, uma *substituição da política pelo mercado*, o que trouxe como conseqüência, atualmente, uma mercantilização de quase todos os âmbitos e processos da vida social. Há que se notar que a substituição da política pelo mercado põe em risco – como talvez nunca antes se tenha dado na história da humanidade – a própria realização da liberdade humana enquanto tal. Com o comando do destino da humanidade transferido para o Mercado, os indivíduos têm que

---

<sup>1</sup> Cf. OLIVEIRA, Manfredo – *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 10.

abdicar daquilo que constitui a própria humanidade do homem: a conquista da autonomia; ou seja, o fazer-se a si mesmo em sociedade, a capacidade de dar a lei que viabiliza a vida social para si mesmo. E onde a liberdade não pode ser realizada não há Ética e, conseqüentemente, não há humanidade. O Prof. Manfredo afirma que, sem o espaço para a realização da Ética, ocorre a desumanização do homem. A Política que, desde *A República* de Platão, era o lugar da efetivação da humanidade, tornou-se refém do mercado, nos atuais tempos liberais da economia; ela não tem mais a tarefa de configurar a vida coletiva, mas apenas de ajustar-se à economia, ou seja, de subordinar-se às forças mercantis.

Mas esse é apenas um lado da globalização, e o Prof. Manfredo Oliveira nos mostra que esse estado funesto de coisas, que impossibilita a realização da Ética no contexto neoliberal, é apenas a dimensão mais evidente do fenômeno da globalização. Nesse sentido, a primeira globalização é a da violência, em que o árbitro e o poder tomam o lugar do Direito; é uma dimensão da globalização diretamente atrelada aos interesses hegemônicos e excludentes do capitalismo neoliberal. Porém, em se tratando da dimensão positiva da globalização, aquela que mundializa a solidariedade e a cooperação, nosso autor nos chama a atenção para a necessidade de formar as pessoas e as sociedades nessa direção; disso decorre o fato de as exigências e demandas para a Educação em nossa época serem fundamentalmente éticas. É hora de substituir, na educação formal, a mera *instrução* pela *formação* que instrui para a liberdade e para a cidadania; portanto, também é hora de rever currículos e mudar a escola. A escola deve estar preparada para desenvolver nos indivíduos a capacidade de descobrir a humanidade na própria condição humana, como diz Manfredo:

“O ser humano se revela, assim, como permanentemente para além do simplesmente dado, na direção de um horizonte mais vasto. Ele está sempre em um mundo, mas não está preso a ele, e a pergunta o situa na esfera do aberto, da tarefa constante de sua autoconstrução [...]. O verdadeiro chão da vida humana é o espaço da possibilidade de um futuro a ser construído a partir do mundo histórico que o gerou: o ser humano é, sempre, dado e tarefa, necessidade e liberdade.”<sup>2</sup>

A Educação precisa, urgentemente, assumir como seu objetivo fundamental o de suscitar nas crianças e adolescentes o ético desejo de ser livre, que, no mundo globalizado, conduz à solidariedade e à cooperação. Daí porque uma escola baseada simplesmente na instrução não é capaz de realizar essa tarefa.

Os desafios éticos de nosso tempo nos mostram que, se não nos mantivermos ligados à Vida como *Princípio*, poderemos caminhar para a autodestruição. A consciência ético-ecológica que emerge atualmente já nos mostra que isolados somos mais fracos, sem cooperação enfraquecemos e adoecemos e, quando não somos solidários, morremos. O outro lado do fenômeno da globalização, aquele que revela a nossa existência na forma de uma grande teia de vida, mostra que dependemos do outro para sermos nós mesmos.

---

<sup>2</sup> Cf. OLIVEIRA, Manfredo, op. cit., p. 280.

Por fim, resta-nos parabenizar o Prof. Manfredo Oliveira por esse novo livro, que nos chega, providencialmente, nesses dias em que a dimensão violenta da globalização, na forma de terrorismo internacional e guerra, mostra o seu poder de destruição e a extensão multifacetada do que nos ameaça, tornando o seu apelo ético tão imprescindível.

Prof. Dr. Custódio Luís S. de Almeida  
UFC (Universidade Federal do Ceará)

---

**ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A Universidade Medieval*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, 486 p.**

A presente obra se propõe delinear o perfil da Universidade, desde as suas origens na Idade Média, até ao período do Renascimento durante o século XVI. Este estudo abrange quatro séculos, não se restringindo a aspectos extrínsecos, mas penetrando no centro do mundo universitário da época.

Dividida em 17 capítulos, esta obra inicia descrevendo a importância das escolas medievais como germen da instituição universitária. Ao referir-se à origem das Universidades medievais, são dedicados dois capítulos específicos ao estudo das Universidades de Bolonha e de Paris. O capítulo VIII é muito original, pois descreve a vida cotidiana de professores e alunos com inúmeros detalhes que são bastante elucidativos. Na parte final da obra, Ullmann chama a atenção sobre a influência da Reforma nas Universidades e a visão de Humanismo no medievo. O último capítulo enfatiza, com argumentos procedentes do estudo realizado, a importância das Universidades medievais.

A Universidade foi a instituição mais característica da Idade Média. A perfeição técnica de sua organização chegou até aos nossos dias sem mudanças substanciais. O livro analisa o contexto no qual surgiu essa instituição. Trata de seu crescimento, amadurecimento e da crise pela qual passou no princípio dos tempos modernos.

Ao comparar esta segunda edição com a primeira, aprecia-se o trabalho metuculoso do autor no instante de atualizar a bibliografia, revisar alguns juízos anteriores (como, por exemplo, o tratamento de Guilherme de Ockham) e o fato de acrescentar e reestruturar vários capítulos.

Com este estudo, o autor se propõe, como objetivo primordial, reconstruir o passado do mundo universitário, para assim lançar uma luz sobre o presente que nos faz compreender a missão da Universidade na construção do futuro. A sabedoria humana permanece idêntica; mudam-se os objetos a que se aplica. Sobre a Universidade medieval temos muito o que aprender enquanto esta foi geradora de idéias perenes, formadora dos homens e criadora de uma segura cosmovisão.

Conhecer a história da Universidade medieval é também desfazer falsas interpretações e preconceitos forjados por humanistas e iluministas em relação à Idade

Média; e, por sua vez, oferecer às novas gerações um conhecimento correto do passado. Estudiosos da história, pedagogia, educação, filosofia e teologia encontrarão nestas páginas contribuições e fontes para repensar a injustamente desprezada Idade Média.

Entre os temas abordados cabe destacar a questão dos modelos universitários. Centro originário dos estudos jurídicos, Bolonha caracteriza-se como uma Universidade controlada pelos alunos; ao contrário, em Paris, núcleo principal da teologia e da filosofia, os professores eram os dirigentes. Por um ou outro modelo optarão todas as universidades erigidas posteriormente.

Algumas instituições conhecidas de modo genérico, como os *studia*, *collegia*, *nationes*, são explicadas com clareza e em detalhes. Por sua vez, questões pouco difundidas aparecem descritas de modo original: a vida cotidiana de alunos e docentes com seus múltiplos problemas, não muito distintos dos de nossa época.

Segundo Ullmann, a exigência de um clero bem instruído, com teólogos e canonistas capacitados para a exposição e o aprofundamento da doutrina cristã, fez da Universidade uma instituição muito útil ao serviço da civilização e da Igreja. Conduzidos por Ullmann, sentimos em cada passo da história da Universidade medieval o pulsar da alma européia, matriz da civilização ocidental.

Ullmann narra com serenidade que a Universidade não ficou fechada em si mesma, como numa torre de marfim, mas que exerceu uma notável função crítica e esteve tantas vezes à altura de sua responsabilidade social. Isso é demonstrado pela audaz defesa da ortodoxia contra ideologias heterodoxas e também pelas greves de até dois anos, quando sentia ameaçados seus direitos e privilégios.

Desde o início, a Universidade procurou ser um serviço à verdade, à investigação e à sociedade na qual se desenvolvia. Quando, no final do século XV, foi instrumentalizada pelo Estado, a Universidade começou a debilitar-se, apresentando uma lenta recuperação no século seguinte. Ao terminar este livro, o leitor acaba convencido de que uma das realizações mais significativas da Idade Média foi a Universidade.

Rodrigo Lynce de Faria

*Scripta Theologica* 33 (2001/1), p. 300-301

Facultad de Teologia, Universidad de Navarra (Espanha)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Tradução de Camila Hochmüller e Leonardo Dehan Bragé, bolsistas, respectivamente, da FAPERGS e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da PUCRS.